

O ensino de alemão na Amazônia: A Casa de Estudos Germânicos em Belém

Sabine Reiter

1. Introdução: A presença alemã na Amazônia

Desde a publicação dos primeiros relatos de viagem no século XVI, a Amazônia ocupa um espaço no imaginário dos europeus. Principalmente a *Wahrhaftige Historia* de Hans Staden (2006), a qual foi publicada em 1557 na Alemanha. Sendo o primeiro livro sobre o Brasil na Europa, foi uma obra de ampla divulgação e tradução “com o maior número de reimpressões nos primeiros tempos do período colonial” (OBERMEIER, 2011, p. 40). Esse relato e as suas ilustrações xilográficas sobre o ritual da antropofagia “criaram um imaginário que se tornou marcante” não só na Europa como “também no Brasil até os tempos do Modernismo do século XX” (OBERMEIER, 2011, p. 41).

E apesar do fato de que Alexander von Humboldt, o grande naturalista alemão, nunca esteve na parte brasileira dessa vasta região, toda a floresta amazônica também despertava os interesses científicos e – consequentemente – econômicos dos alemães. Muitos naturalistas e pesquisadores alemães visitaram a Amazônia brasileira, e até hoje são estas as pessoas às quais tanto os paraenses quanto os alemães se refe-

rem quando apontam uma longa tradição de contatos entre a Amazônia e a Alemanha.¹

Belém, capital do Pará, o segundo lugar mais populoso na Amazônia brasileira depois de Manaus, é uma cidade que, no ano de 2016, celebrou os 400 anos que se passaram desde quando foi fundada pelos portugueses para defender a região contra as tentativas de ocupação por outras nações europeias, notadamente pelos ingleses, franceses e holandeses. É uma cidade na qual, para quem vem de fora, predomina o aspecto indígena, tanto na fisionomia dos habitantes como em certos hábitos e costumes que caracterizam a cultura local. No entanto, os próprios belenenses, ou seja, as classes dominantes da cidade, enfatizam a proveniência europeia e principalmente o período histórico da “*Belle Époque*”, quando Belém teve o apelido de “*Paris n’América*”.² Nesse período curto no final do século XIX e início do século XX, momento em que a cidade vivenciou uma imensa prosperidade em consequência da demanda pela borracha no mercado internacional, instalaram-se na cidade comerciantes de diferentes países europeus e do Oriente Médio, os quais até hoje ocupam posições nas camadas mais altas da sociedade belenense.³ A “*Belle Époque*” também deixou uma forte impressão na arquitetura da cidade e, desde aquela época, cultivam-se as “belas artes” em certa parte da sociedade: os filhos das famílias ricas estudaram em universidades na Europa e, em seguida, foram fundados teatros, escolas de dança, conservatórios de música e de artes plásticas que, em grande parte, existem até os dias atuais. Essa identificação com a “cultura europeia” dos imigrantes da “*Belle Époque*” é um fator local que favorece até hoje o interesse pelas línguas e culturas francesa, inglesa e alemã.

1 Cf. contribuições relativas à Amazônia na publicação recente de Bolle & Kupfer (2013).

2 Belém (Pará) em: Wikipédia, a enciclopédia livre.

3 Cf. Ferreira Emmi (2013) que descreve as contribuições agrícolas, comerciais e industriais de Portugueses, Espanhois, Italianos, Sírios, Libaneses e Japoneses para o desenvolvimento da região amazônica brasileira. Segundo a pesquisadora, “esses cinco segmentos migratórios foram selecionados [no seu trabalho], por apresentar maior representatividade numérica, terem relevante participação na economia e sociedade amazônicas e ainda hoje se perpetuarem na memória social e no significativo contingente de descendentes que deixaram na região” (2013, p. 21).

A região metropolitana de Belém, incluindo os habitantes dos outros dez municípios com os quais a cidade encontra-se unida, tem uma população de mais de 2,5 milhões de pessoas, tornando-se dez vezes maior que no ano de 1950 quando, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ainda registrava apenas 242.000 habitantes. Só nos últimos 25 anos a população da região duplicou. Atualmente, na cidade de Belém moram 1,4 milhões pessoas.

A presença alemã na cidade e no Pará em geral não é muito forte em comparação a outras regiões no País e, por isso, para os alunos de língua há poucas oportunidades para utilizar a língua como meio de comunicação. Ao contrário do Sul do Brasil, no Pará houve uma imigração muito esporádica de famílias.⁴ Há algumas décadas pôde-se observar a migração de gaúchos falantes de dialetos alemães para o Sudoeste do Pará – mas esse processo não afetou a capital. Em comparação com as metrópoles no nordeste do Brasil, como Recife, Fortaleza ou Salvador, a capital paraense também não tem muito turismo internacional.

Capital da unidade federativa com a segunda maior extensão territorial no Brasil, Belém é sede de um dos 15 consulados honorários da Alemanha. Segundo Bader (2013, p. 53), antigo diretor do Instituto Goethe de São Paulo, nos setores de cooperação para o desenvolvimento sustentável a Alemanha “é o principal parceiro bilateral do Brasil”. Não obstante, em Belém a representação das organizações alemãs oficiais de cooperação, denominadas então como GEZ e DED – agora GIZ (Agência Alemã de Cooperação Internacional) – já foi maior nos anos 1990 e 2000: em 2013 a GIZ fechou o seu escritório regional em Belém e, atualmente, os coordenadores de projeto vêm ocasionalmente da central em Brasília para se reunir com os parceiros locais.

Em termos de cooperação científica e acadêmica, a Universidade Federal do Pará (UFPA) em Belém hospeda, desde 1968, um leitorado do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) que, ao mesmo tempo, realiza eventos culturais para o Instituto Goethe. Na UFPA, há um número de professores que passaram uma parte de sua formação

4 Ferreira Emmi (2013, p. 82) registra em todo o seu trabalho apenas uma família de alemães em Santa Rosa, uma região agrícola do Pará, para o ano de 1900.

acadêmica, geralmente o doutorado, na Alemanha. A maioria desses professores, organizados na Associação dos Ex-Bolsistas da Alemanha (AEBA) do Pará, são das áreas de engenharia, ciências exatas e sociais.⁵ Destes também vem a maior parte das iniciativas da universidade relacionadas a uma cooperação mais estreita com universidades alemãs, principalmente através de programas do DAAD.⁶

A UFPA, fundada em 1957 e com uma população universitária de quase 62.000 pessoas distribuída em doze campi, é uma das maiores universidades do Brasil. Em 2015, havia 21.325 alunos de graduação matriculados nos 86 cursos do Campus de Belém. Em toda a universidade ainda há mais de 11.700 estudantes de pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado), a maioria deles também na capital do estado.⁷ Segundo os números oficiais de 2015, também houve um total de 5.041 alunos matriculados nos cursos livres de língua estrangeira. Destes, 308 eram do curso de alemão no centro de língua “Casa de Estudos Germânicos” (CEG).⁸ Os cursos ofertados em outras línguas estrangeiras são inglês, espanhol, francês, português como língua estrangeira e – há pouco mais de um ano – árabe. Fora o inglês, o qual também é ofertado como curso livre em outros campi, todos os cursos de línguas estrangeiras são ministrados no Campus de Belém.

Além da CEG, ensina-se o alemão na UFPA no curso de licenciatura em Letras – habilitação em língua alemã, na Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas (FALEM) e em cursos de extensão (“alemão instrumental”) nas Faculdades de Filosofia e de Direito.⁹ Nestas instituições, os responsáveis pelo ensino da língua são professores concursados da área de alemão. Há também uma escola pública de ensino médio no mesmo bairro que abriga a universidade, a Escola de Aplicação da

5 Segundo o registro do DAAD, cerca de 20 professores da UFPA são sócios na AEBA.

6 Uma publicação do DAAD (2014) sobre os 20 anos do programa PROBRAL lista projetos nas áreas de Geociências, Ciências Biológicas e Engenharias com as Universidades de Halle-Wittenberg (MLU), Tübingen, Erlangen-Nürnberg e München (LMU).

7 Veja UFPA em números (<<http://www.ufpanumeros.ufpa.br/index.php/br/ensino>>).

8 Cf. Quadro 1.

9 Veja o artigo de Vansiler & Vansiler neste mesmo volume.

UFPA ou NPI (Núcleo Pedagógico Institucional), que oferece alemão como uma das línguas estrangeiras que os alunos podem aprender do 4º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Antigamente era uma escola exclusivamente para os filhos dos funcionários da UFPA, mas hoje admite alunos de toda a comunidade. Nessa escola trabalham dois professores concursados de alemão, formados pelo curso de habilitação em língua alemã da UFPA; o segundo deles foi contratado em 2016. A Escola de Aplicação foi inserida no programa PASCH do Instituto Goethe em 2012. Até hoje é a única escola de ensino médio em Belém que atualmente ensina alemão como língua estrangeira para cerca de 150 dos 1.500 alunos.¹⁰ Nela, os estudantes do curso de habilitação em língua alemã fazem os seus estágios pedagógicos. Além dessas instituições públicas de ensino de alemão, há algumas escolas privadas de línguas na cidade onde se pode aprender alemão, o que resulta em um campo de trabalho limitado para os graduados do curso de habilitação.

Nas próximas seções tem-se uma descrição abrangente da Casa de Estudos Germânicos, o centro de língua alemã na Universidade Federal do Pará, apontando os aspectos que favorecem, mas também os que podem dificultar o estudo do alemão como língua estrangeira na região norte do Brasil.

2. Estrutura da Casa de Estudos Germânicos

A CEG, fundada em 1968, representou durante muito tempo um espaço onde o cidadão belenense podia se sentir próximo a uma cultura europeia, a qual era percebida como atributo de uma pessoa instruída. Desde 1972, encontra-se no bairro de Guamá, atualmente o maior campus da UFPA em Belém. A instituição ocupa um corredor inteiro no “setor profissional” do campus, com a estrutura de cinco salas de aulas pequenas, uma sala de tamanho maior que permite a apresentação de filmes em tela grande e a utilização para eventos culturais, uma biblioteca, uma sala de professores, uma secretaria e um escritório para o/a

10 <<http://www.goethe.de/ins/br/lp/lhr/pas/sch/pt13363814.htm>>

leitor/a do DAAD. Todo o espaço é equipado com aparelhos de ar-condicionado modernos e com internet *Wi-Fi*. Nas salas de aula há aparelhos de data-show e notebooks, possibilitando o uso de ferramentas eletrônicas no ensino da língua. Na biblioteca encontram-se mais de cinco mil livros e uma quantidade reduzida de outras mídias. A maioria dos livros são doações de instituições e editoras alemãs ou fazem parte do *Handapparat* dos leitores do DAAD, portanto são predominantemente em alemão. Há alguns meses e ainda incompleto, foi instalado em uma das salas menores de aulas um laboratório de línguas, com financiamento do Ministério de Educação (MEC) para o programa “Idiomas sem Fronteiras”, com 19 espaços de trabalho para computadores.

2.1. Divisão das competências no espaço

A CEG, segundo os regulamentos de 1972, mantida pela UFPA em convênio com o DAAD, foi coordenada por muitos anos pelos leitores do DAAD que também coordenavam o ensino de língua alemã, prestavam consultoria de bolsas de estudos à Alemanha e organizavam eventos culturais, financiados pelo Instituto Goethe, com o apoio de colaboradores locais. Até hoje a CEG vive de uma reputação que se formou nas primeiras décadas da sua existência, quando era uma instituição que trouxe à cidade artistas, filmes e diretores de cinema alemães famosos – nomes como Wim Wenders ou Werner Herzog, visitas das quais, em certos grupos de intelectuais da cidade, ainda se fala. Os leitores do DAAD na CEG continuam organizando – mas em menor escala e com orçamento reduzido – uma programação cultural anual, que consiste de palestras, leituras, mostras de filmes, exposições de arte ou concertos, para dar ao aluno da língua a oportunidade de tomar conhecimento também da produção cultural e de aspectos da vida cotidiana na Alemanha. A função principal atual da CEG, porém, é a de um centro de ensino da língua alemã na universidade, onde estudantes de todos os cursos e funcionários da UFPA, estudantes de outras universidades e também da comunidade externa podem estudar e – em teoria – chegar, em seis semestres de curso, a um nível de proficiência que corresponde ao B1 no Quadro Europeu Comum de Referência.

A CEG passou e ainda vive momentos de transformações de ordem burocrática, que afetam a sua estrutura e o seu funcionamento. Inicialmente subordinada administrativamente à Coordenadoria de Assuntos Culturais e Estudantis (COACE), passou para a Associação de Relações Nacionais e Internacionais (ARNI) nos anos 1980 e, desde 2009, pertence à Pró-Reitoria de Relações Internacionais (Prouter). Uma consequência da última mudança foi que o então leitor do DAAD entregou a responsabilidade administrativa do espaço e das finanças dos cursos de língua a um funcionário da UFPA. Inicialmente, esses funcionários eram professores dos institutos de Letras e Filosofia que falavam alemão, mas, desde outubro de 2013, a administradora é uma secretária da Prouter sem conhecimentos de língua e cultura alemã. Na mesma época, em 2013, a coordenação pedagógica dos cursos de língua alemã foi transferida da leitora do DAAD, na época recém-chegada da Alemanha, para um professor do curso de habilitação em língua alemã da FALEM. Essa reorganização das competências dentro da CEG realizou-se por parte do órgão administrativo sem consulta aos demais docentes no curso de habilitação em língua alemã. A leitora do DAAD continuou coordenando a programação cultural da CEG e dando um apoio pedagógico através de oficinas de capacitação dos professores de língua e outras atividades. Ela também aplica os testes de proficiência em língua alemã que a UFPA oferece: o OnDaF e o TestDaF/TestAS, e – em conjunto com um colega do curso de habilitação – as provas do Instituto Goethe até o nível de proficiência C1.

Até maio de 2016, houve mais três funcionários administrativos da Prouter na secretaria da CEG, além de três estagiários técnico-administrativos, que apoiaram os coordenadores administrativo e pedagógico. Na biblioteca ainda trabalhavam um bibliotecário e dois estagiários, um da área de alemão, o outro da área de biblioteconomia. Em fevereiro de 2017, permanecem apenas um funcionário administrativo e um estagiário técnico-administrativo na secretaria da CEG e dois estagiários na biblioteca. Os outros funcionários se aposentaram e, devido ao baixo número de alunos inscritos no curso livre (o que se deve principalmente à situação de reestruturação), atualmente não há possibilidade de financiar o pagamento de um bibliotecário.

2.2 Os cursos de língua

Em 2016, houve onze professores contratados na CEG. Destes, oito eram formados pelo curso de habilitação em língua alemã e três estavam próximos de terminar o curso. O número de cursos e, portanto, também de professores esteve limitado neste ano, porque a CEG, em 2016, passou por um processo de mudanças de responsabilidades: o professor de habilitação em língua alemã, que até esse momento havia acompanhado os professores contratados como coordenador pedagógico, se aposentou no final do mês de maio, e a Prointer resolveu abrir mão dos cursos de língua, ficando apenas com a coordenação administrativa do espaço. A administração do “curso livre” de alemão foi transferida para a coordenação da FALEM, com a coordenação pedagógica passando novamente para os leitores do DAAD.

Segundo a regulamentação ainda em vigor, e de forma semelhante com o que ocorre nos cursos de “Alemão no Campus” na USP, os professores da CEG precisam ser ou “bolsistas” ou “estagiários”.¹¹ Os bolsistas são graduados em alemão e estudantes matriculados em cursos de especialização, mestrado ou doutorado; os estagiários são estudantes do curso de alemão a partir do quinto semestre. Todos esses professores recebem bolsas semestrais, as dos estagiários tem um valor um pouco mais baixo do que as dos bolsistas. O valor mensal de um professor também depende do número de cursos que ele ministra. Geralmente cada professor recebe dois cursos por semestre. Até julho de 2015 ainda houve três professores formados trabalhando com carteira assinada por dois anos, que eram contratados pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX). Ao contrário dos professores bolsistas e estagiários, estes professores recebiam um valor fixo, eram pagos também durante o tempo em que não havia aulas e tinham direito a férias e outros benefícios. Anteriormente também houve professores autônomos sem vínculo com a universidade, o que permitia a contratação de professores nativos de língua alemã.

Também há, ocasionalmente, estagiários que falam alemão como língua nativa. Normalmente são estudantes de “alemão como língua

11 Cf. Battaglia; Glenk (2015, p. 49).

estrangeira” de universidades alemãs. Os estagiários acompanham as aulas de um ou mais professores e, no final do seu estágio, podem apresentar uma aula expositiva que é avaliada pelos leitores e assistentes de língua do DAAD. Além de ser um bom método para o professor brasileiro e o estudante alemão trocarem experiências pedagógicas, também serve para os alunos trocarem ideias com um falante nativo que também é estudante. Até outubro de 2013 ainda havia um sistema de “team-teaching” na CEG, o qual tinha a função de monitoramento das aulas através da presença de um segundo professor, oportunizando experiência profissional para professores novos em trabalho conjunto com um colega mais experiente.

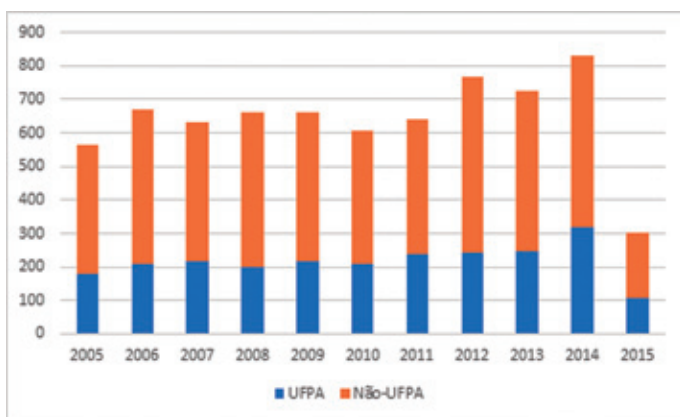
Os professores da CEG geralmente são contratados pelo coordenador pedagógico. Os últimos foram avaliados, em 2015, por meio de uma aula expositiva, pela leitora, pela assistente de língua do DAAD e por um professor efetivo do curso de habilitação. Os leitores e assistentes de língua do DAAD organizam e/ou oferecem uma ou duas oficinas temáticas de capacitação e aperfeiçoamento por semestre aos professores.¹²

Nos últimos anos, até quinze professores ministravam no máximo 25 cursos por semestre. Cada curso tem uma carga horária de 60 horas por semestre: durante o período letivo, o ensino é de quatro aulas semanais em um ou dois dias; nas férias são oferecidos eventualmente quatro a seis cursos intensivos com quinze horas semanais distribuídas em quatro dias. O limite por curso é de 25 alunos. Geralmente, pode-se constatar um número elevado de alunos de alemão em comparação com universidades em outras regiões no Brasil que, tradicionalmente, têm pouca influência alemã.¹³

12 Houve, por exemplo, oficinas de fonética contrastiva, interculturalidade, ensino de alemão para crianças e adolescentes, uso de ferramentas tecnológicas no ensino e na autoaprendizagem da língua, atividades lúdicas no ensino de alemão.

13 Um levantamento de 2014 dos números dos estudantes de alemão em centros de línguas registrou, para o segundo semestre, 409 alunos inscritos em Belém (UFPA), 388 em Fortaleza (UFC), 318 em Belo Horizonte (UFMG), 132 em Salvador (UFBA) e 130 em Goiânia (UFG). Para Manaus (UEA) foram registrados 54 alunos no mesmo período. Nos outros estados da região amazônica (Acre (IFAC, UFAC), Amapá (UNI-

O Quadro 1 mostra o desenvolvimento dos números de alunos, divididos entre integrantes da UFPA e externos, durante dez anos até 2015. Pode-se observar que por vários anos os números oscilavam entre 600 e 800 com uma tendência para cima. O ano de 2015 é uma exceção, apresentando uma queda causada por problemas administrativos na CEG e por uma greve prolongada na UFPA. Em 2016, com a mudança administrativa, o número de alunos matriculados continuou baixo. Segundo os dados oficiais do quadro, cerca de dois terços dos matriculados a cada ano no curso livre de alemão são externos.



Quadro 1: Número de estudantes de alemão de 2005 a 2015

Os cursos ofertados pelos professores brasileiros são dos níveis G1 a G7, o que corresponde aos níveis A1/1 a B2/1 do Quadro Europeu Comum de Referência (QECR). Os assistentes e leitores do DAAD ministram cursos a partir do nível G8 e cursos mais específicos (p. ex. conversação, preparativos para uma estadia em universidade alemã, leitura e produção de textos acadêmicos em alemão, tradução). Cada nível de aprendizagem termina com uma avaliação feita pelo professor e um conceito no certificado do aluno. Porém, um conceito negativo não

FAP), Mato Grosso (UFMT), Rondônia (UNIR), Roraima (UFRR), Tocantins (UFT)) não houve alunos de alemão.

exclui a possibilidade de que o aluno, no próximo semestre, se matricule em um nível mais elevado. Geralmente, os alunos começam a aprender a língua sem nenhum conhecimento prévio; isso pode mudar nos próximos anos, já que uma escola de ensino médio há quatro anos oferece a aprendizagem de alemão.

A maioria dos cursos ofertados cada semestre é dos níveis G1 e G2 e, muitas vezes, não há oferta de cursos acima de G7 por falta de demanda. Os cursos de nivelamento básico geralmente são completos em termos de números de alunos inscritos. Nos cursos mais elevados há menos alunos. É oito o número mínimo de participantes por curso.

Os cursos na CEG são facultativos para os estudantes das diferentes disciplinas na UFPA; não são levados em consideração como horários complementares e não são gratuitos.¹⁴ Há três tarifas de taxas de curso, uma mais baixa para estudantes dos cursos de alemão, filosofia e turismo, uma para outros estudantes e funcionários da UFPA e uma mais alta para pessoas que não tinham vínculo com a UFPA. Ainda que o preço tenha aumentado consideravelmente nos últimos dois anos, continua acessível para a comunidade e menor que o preço dos cursos livres das outras línguas estrangeiras.¹⁵

O material de ensino utilizado nos cursos é o livro didático *Schritte International* da editora alemã Hueber. Para facilitar a preparação das aulas por parte dos professores e por uma questão de tempo e praticidade, o livro didático é a única base obrigatória do currículo, embora haja professores que suplementem esse material por exercícios de outros livros ou atividades lúdicas, enfatizando a produção oral. Também há iniciativas individuais por parte de professores para adaptar o material de ensino à realidade local, mas essas modificações – ao contrário de outros centros de língua alemã na América Latina – não entram no cur-

14 Até 2014, a PROEX pagava bolsas integrais para estudantes do curso de habilitação em alemão de baixa renda.

15 No semestre atual (2016.1), o valor do curso total é de R\$250,00, comparado com R\$ 390,00 nas outras línguas estrangeiras (inglês, espanhol, francês e árabe online).

rículo.¹⁶ Na biblioteca da CEG encontra-se uma ampla seleção de livros didáticos recentes e outros materiais de ensino, além de dicionários e materiais que servem para a aprendizagem autônoma.

2.3 Perfil dos alunos

Como representado no Quadro 1, apenas um terço dos alunos de alemão na CEG são estudantes ou funcionários da UFPA. Dos externos, a maioria são estudantes de outras universidades, principalmente da Universidade Estadual do Pará (UEPA), da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), da Universidade da Amazônia (UNAMA) e pessoas com formação acadêmica concluída. Poucas pessoas participantes dos cursos são da comunidade não-acadêmica.

Dois levantamentos através de questionário feitos em 2013 e 2014 revelaram que houve uma clara concentração de estudantes de certas áreas de estudos, mais especificamente das exatas e das engenharias.¹⁷ Isso se deve às oportunidades de bolsas sanduíche oferecidas pela CAPES e pelo CNPq para estudantes da graduação no programa Ciência Sem Fronteiras (CsF) Alemanha. Outro grupo com representação tradicionalmente forte no curso livre de alemão na UFPA são os estudantes da área de direito.¹⁸

O Quadro 2 mostra que os motivos para aprender a língua alemã dos 115 alunos que responderam ao questionário em 2013 são quase que igualmente distribuídos entre as três opções dadas, das quais várias podiam ser selecionadas.

16 Veja, por exemplo, o trabalho de Herzig (2014), que descreve as adaptações das aulas de alemão às necessidades específicas de alunos em um centro de língua em Guadalajara/México.

17 No segundo semestre de 2013, 43 dos 115 alunos que responderam ao questionário eram da área de engenharia e 11 de ciências naturais. No primeiro semestre de 2014, 59 pessoas responderam ao mesmo questionário, sendo 13 das engenharias e seis de ciências naturais. Os questionários têm certa representatividade, pois apresentam a composição de alguns dos cursos por inteiro, enquanto que os alunos de outros cursos não participaram do levantamento.

18 23 dos 115 alunos no levantamento de 2013, 6 de 59 em 2014.



Quadro 2: Motivos para aprender alemão em 2013

Em 2013, claramente houve um interesse científico em estudar a língua dentro do grupo dos alunos que responderam ao questionário. Isso corresponde também às respostas dadas à pergunta se havia um interesse por cursos mais especializados. Nas respostas predominava uma demanda por aulas preparativas às provas de proficiência (TestDaF, OnDaF) exigidas pelos programas de bolsas e por cursos de língua alemã para áreas profissionais específicas. Outro interesse expressivo dos alunos por aulas de conversação livre reflete o problema da região inicialmente mencionado: a falta de oportunidade para o uso da língua na vida cotidiana.

3. Conclusão: Pontos fortes e desafios

A descrição do curso livre de alemão na UFPA em Belém mostrou vários aspectos que aqui serão resumidos e avaliados.

O ensino de alemão na CEG tem uma longa tradição e – junto com a programação cultural coordenada pelo leitorado do DAAD no mesmo espaço – uma boa reputação que continua atraindo alunos. Isso se reflete no número relativamente alto de alunos para um lugar que, historicamente e nos tempos atuais, tem um contato muito limita-

do com a língua e cultura alemã. As perspectivas acadêmicas ofertadas pelos programas individuais e interinstitucionais do DAAD também promoveram o interesse de gerações de estudantes na cidade. Com a criação de CsF Alemanha do próprio governo brasileiro, em vigor entre 2011 e 2015, esse efeito ampliou-se, atraindo não só doutorandos, mas também estudantes da graduação que antes não tinham acesso a uma bolsa de estudos no exterior.

Ao contrário dos cursos de outras línguas estrangeiras na UFPA, a CEG dispõe de um espaço e de uma biblioteca própria de livros sempre atualizados de ensino e de literatura clássica e contemporânea em alemão e português. Ela é utilizada tanto pelos alunos dos cursos livres como pelos estudantes do curso de habilitação em língua alemã e – devido a uma ampla seção de obras filosóficas – por estudantes e docentes de filosofia. Infelizmente, essa mesma biblioteca – provavelmente por ter um inventário de livros que em parte ainda são propriedade do governo alemão – não pode ser integrada no sistema eletrônico das bibliotecas no campus; por isso não possui um catálogo eletrônico e tem pouca visibilidade na comunidade acadêmica.

Com relação à situação dos professores do curso livre de alemão também se pode observar tendências positivas e negativas. Os professores, que em parte ainda estão no processo de formação, podem complementar seus estudos por workshops de capacitação específicos organizados e/ou oferecidos pelos leitores e assistentes de língua alemã do DAAD. Todos os anos podem concorrer a uma bolsa de capacitação no ensino de alemão na Alemanha, ofertada pelo Instituto Goethe que também apoia a biblioteca com material didático. Ao mesmo tempo, os pré-requisitos para a contratação de novos professores estavam ficando constantemente mais rígidos nos últimos anos. Atualmente, os professores necessitam comprovar um vínculo com a universidade, o que não permite criar uma estrutura “sustentável” no corpo de docentes da CEG. Além da temporalidade do emprego no curso livre (e sem muita perspectiva para um emprego como professor de alemão na cidade), essa estrutura também exclui os professores da CEG de participação de programas oficiais de capacitação do governo federal que se direcionam a pessoas com um contrato de trabalho permanente.

Em 2013, com a instituição de um novo coordenador pedagógico pela Prointer e – em seguida – com o cancelamento do ensino de “team-teaching” por motivos econômicos, houve uma notável redução no monitoramento dos cursos e no controle de qualidade por parte de outros profissionais da área. De fato, a cooperação entre a CEG e os demais docentes do curso de habilitação em língua alemã na FALEM quase se rompeu – o único elo relacional eram a leitora e os assistentes de língua do DAAD que trabalhavam nas duas instituições, mas não participaram das decisões tomadas pela coordenação do curso livre. Porém, com a entrega dos cursos a FALEM, que ocorreu em 2016, pôde-se inverter esse processo.

Outro aspecto do curso livre que apresenta um desafio para o futuro é o fato que a progressão na aprendizagem de alemão é muito lenta, especialmente para os alunos que pretendem passar um período da sua formação acadêmica na Alemanha. Considerando que o nível de proficiência para acompanhar um curso universitário em alemão seria no mínimo de B2, a formação dos alunos, com aquisição de meio nível a cada semestre, levaria quatro anos. Uma solução seria uma diversificação do ensino, com cursos intensivos para pessoas com objetivos acadêmicos específicos e outros para pessoas com interesses profissionais (turismo, negócios) ou predominantemente pessoais.¹⁹

Relacionado a esse último aspecto da lenta progressão está a alta evasão, que pode ser observada no curso de alemão: a maioria dos alunos não dá continuidade à formação em língua depois de um ou dois semestres – o que se reflete nas turmas que, a cada semestre, são predominantemente do nível A1. Outros motivos para a evasão são a falta de estratégias para o estudo de uma língua estrangeira em geral e

19 De novembro de 2015 a dezembro de 2016, houve um “projeto piloto” de um curso intensivo de oito horas/semanais durante o semestre para alunos motivados que pretendiam estudar na Alemanha. Utilizava-se *Motive* da editora Hueber como material de ensino. A progressão nesse curso intensivo era acelerada devido ao conhecimento prévio em outras línguas estrangeiras dos participantes, sendo possível basear o ensino de alemão nesse conhecimento. Em junho de 2016, os participantes do curso alcançaram o nível de proficiência de A2/2. Depois houve uma estagnação, porque o grupo se desfez e o ingresso subsequente mostrou conhecimento prévio heterogêneo por parte dos alunos.

o mito recorrente na comunidade de que o alemão seja uma língua especialmente difícil – esse, por sua vez, fomentado pela falta de contato.

4. Perspectivas

O desenvolvimento descrito e analisado nas seções anteriores pode tomar outro rumo depois das mudanças de ordem burocrática em junho de 2016, quando a administração do curso livre de alemão foi oficialmente transferida da CEG para a FALEM. Nos meses seguintes, o ensino de alemão permaneceu fisicamente no espaço que é da Pointer, à qual a CEG é subordinada. A biblioteca ainda pertence à CEG, ou seja, à Pointer, assim como todo o inventário das salas em termos de equipamento. A administração da CEG, atualmente com um funcionário administrativo e três estagiários, permanece no mesmo espaço. O leitorado do DAAD se divide entre as duas instituições, sendo que o trabalho cultural e a consultoria de bolsas de estudo são considerados da área de “relações internacionais” e o trabalho pedagógico e de ensino da língua, da área de Letras.

Atualmente, depois da entrega dos cursos de língua, a CEG administra, de fato, uma biblioteca de língua estrangeira, um espaço físico de salas de aula e algumas funções do leitorado do DAAD. Desde o início dos novos cursos em junho de 2016, a FALEM instalou uma secretaria provisória do curso de alemão em uma das salas de aulas da CEG, através da qual o trabalho administrativo, a matrícula do curso e a divisão das salas são coordenados por uma secretária, graduada em alemão, cujos honorários são pagos de acordo com o recolhimento das taxas do curso. Ela é apoiada por dois estagiários dos cursos de habilitação da FALEM.

A longo prazo, a transferência do curso livre de alemão para a FALEM pode ter várias outras consequências, dependendo da decisão se será totalmente integrado ao sistema dos cursos livres das outras línguas ou se permanecerá como projeto de extensão, separado do curso de habilitação em língua alemã. Outra questão que ainda permanece em aberto é a da continuação do espaço físico do curso de alemão na CEG.

Há alguns anos, discute-se na FALEM a mudança de toda a faculdade para um novo e mais amplo espaço, que – no âmbito de uma internacionalização da universidade –, também hospedará um centro de línguas estrangeiras –; portanto, essa questão pode se resolver por si só.

Pode-se destacar que o curso de alemão na UFPA – por desavenças administrativas entre instituições dentro da própria universidade – perdeu o nome ligado a uma tradição de quase cinco décadas: o da “Casa de Estudos Germânicos”. Porém, uma tradição geralmente não se acaba com um nome. Pelo contrário: essa última mudança administrativa pode levar a uma cooperação mais estreita entre os docentes do curso de habilitação em alemão e a coordenação dos cursos de língua, levando em consideração aspectos do debate científico atual relacionado a cursos de língua estrangeira, como a questão do perfil diversificado dos alunos ou uma adaptação do material e do ensino à cultura local. Em geral, tem sido crescente o interesse por línguas estrangeiras e intercâmbios acadêmicos no Pará, não apenas na capital, mas também nas cidades do interior, nas quais há um campus da UFPA, e nas regiões oeste (Santarém, UFOPA) e leste (Marabá, UNIFESSPA) do estado.

Em síntese, há uma percepção crescente por parte da comunidade acadêmica paraense de que uma internacionalização plena pressupõe o aprendizado de línguas estrangeiras, bem como um encontro intercultural. De um lado, há uma recorrente demanda por parte do público alvo, jovens acadêmicos que consideram o intercâmbio acadêmico em uma universidade no exterior uma oportunidade de desenvolvimento profissional e pessoal. De outro lado, existe uma oferta – na UFPA em Belém – que supre essa demanda, caso específico do curso de língua alemã e da programação cultural, juntamente com a infraestrutura acadêmica na Alemanha.

Necessário para o desenvolvimento adequado dessa dinâmica de oferta e demanda seria uma reestruturação de cunho burocrático-administrativo dentro da universidade – um processo que já começou.

Referências bibliográficas

AUSWÄRTIGES AMT. *Deutsch als Fremdsprache weltweit. Datenerhebung 2015*. Berlin, 2015. Disponível em: <https://www.goethe.de/resources/files/pdf37/Bro_Deutschlernerhebung_final2.pdf>.

BADER, Wolfgang. A Presença Institucional da Alemanha no Brasil. In: BOLLE, Willi; KUPFER, Eckhard E. (org.), 2013, p. 49-57.

BATTAGLIA, Maria H.V.; GLENK, Eva M.F. A Extensão: Partilha de Conhecimento. In: UPHOFF, Dörthe; FISCHER, Eliane; AZENHA, João; PEREZ, Juliana P. (org.). *75 Anos de Alemão na USP. Reflexões sobre uma Germanística Brasileira*. São Paulo: Humanitas, 2015, p. 47-55.

BOLLE, Willi; PINTO, Renan Freitas. O Fascínio pela Amazônia: de Martius a Nimuendajú. In: BOLLE, Willi; KUPFER, Eckhard E. (org.), 2013, p. 94-108.

BOLLE, Willi; KUPFER, Eckhard E. (org.). *Cinco Séculos de Relações Brasileiras e Alemãs*. São Paulo: Editora Brasileira de Arte e Cultura, 2013.

DEUTSCHER AKADEMISCHER AUSTAUSCH DIENST. Probral 20 Anos. 1994 – 2014. Disponível em: <http://www.daad.org.br/imperia/md/content/aussenstellen/asbrasilien/revista_daad_probral_20_anos.pdf>.

FERREIRA EMMI, Marília. *Um Século de Imigrações Internacionais na Amazônia Brasileira (1850-1950)*. Belém: NAEA, 2013.

HERZIG, Katharina. Zielgruppen- und standortspezifischer DaF-Unterricht mit mexikanischen Studierenden: Handlungszielorientierung. In: HERZIG, Katharina; PFLEGER, Sabine; PUPP SPINASSÉ, Karen; SADOWSKI, Sabrina (org.). *Transformationen: DaF-Didaktik in Lateinamerika. Impulse aus Forschung und Unterrichtspraxis*. ALEG Band 4. Tübingen: StauffenbergVerlag, 2014, p. 43-60.

OBERMEIER, Franz. Livros acerca do Brasil publicados em língua alemã entre 1500 e 1900. Uma introdução histórico-cultural. In: DOMSCHKE, Rainer et al. (org.). *Deutschsprachige Brasilienliteratur. Publicações sobre o Brasil em língua alemã 1500-1900*. São Paulo: Oikos, 2011, p. 39-57.

STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

Referências eletrônicas

<<http://www.goethe.de/ins/br/lp/lhr/pas/sch/pt13363814.htm>> (Acesso em: 09.02.2017)

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Belém_\(Pará\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Belém_(Pará))> (Acesso em: 01.05.2016)

<<http://www.ufpanumeros.ufpa.br/>> (Acesso em: 09.02.2017)

